

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA  
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,  
RESISTÊNCIA E  
DIFERENCIAÇÃO  
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)

# Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908  1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.  CDD 306
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
<a href="#">Izaias Geraldo de Andrade</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
<a href="#">Daiane Glaucia de Oliveira</a>	
<a href="#">Samuel Klauck</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
<a href="#">Danilo Mendes de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>43</b>
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
<a href="#">Luana Nascimento Vieira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
<a href="#">Adelmir Fiabani</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
<a href="#">Danilo Morae Lobo</a>	
<a href="#">Auterives Maciel Jr</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
<a href="#">Gildete Paulo Rocha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909087</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
<a href="#">Marcos Diones Ferreira Santana</a>	
<a href="#">Emeli Susane Costa Gomes</a>	
<a href="#">Luciana Edilena Santos Guimarães</a>	
<a href="#">Ana Daiane Lopes Costa</a>	
<a href="#">Jarlei Dominique Souza da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909088</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2421909089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes	
Milene de Cássia Silveira Gusmão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>127</b>
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli	
André Boccasius Siqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090813</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>142</b>
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>164</b>
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes	
Edson Silva de Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090816</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
<a href="#">Michel Kobelinski</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.24219090817</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>196</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>197</b>

## TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS

### Elizabeth Costa Suzart

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Linha 1 de Pesquisa: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida sob orientação do Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Alagoinhas- BA

**RESUMO:** este artigo tem por objetivo provocar a importância da oralidade, através dos cantos de Toré para o Povo Kariri-Xocó da Aldeia de Porto Real do Colégio-AL, utilizando as memórias do próprio indígena que guarda e evidencia esta prática como um ensinamento de geração em geração, seguindo a tradição ancestral como uma prática educativa e de relevância espiritual e sua expressão político-cultural e de etnicidade do indígena do Nordeste Brasileiro. A fim de embasar este artigo com teóricos da área das Ciências Sociais e da Crítica Cultural, utilizar-se-á também alguns autores envolvidos com o tema e a dinâmica que engloba o tema proposto. São eles: Nhenety e do Pajé Suíra (ONG Thydêwá 2012-2019), FERRARI (1957), CLASTRES (1974), FOUCAULT (1970), RONDINELLI (1997), SANTIAGO (2000) REESINK (2000), VIVEIROS de Castro (2002), GRÜNWARD (2005a e 2005b), LUCIANO (Gersem BANIWA 2006), MIGNOLO (2010), GINZBURG (1989),

DERRIDA (2001), MOREIRA (2016), dentre outros, focando em perceber no Ritual do Toré a essência ancestral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Toré. Kariri-Xocó. Tradição. Resiliência.

### TORÉ, A DUET OF FORCES THAT REUNITES ANCESTRAL PEOPLES

**ABSTRACT:** This article aims to tease the importance of orality, through the songs of Toré for the Kariri-Xocó People of the Village of Porto Real of Colégio-AL, using the memories of the native himself who keeps and evidences this practice as a teaching of generation in generation, following the ancestral tradition as an educational practice and of spiritual relevance and its political-cultural expression and ethnicity of the indigenous of the Brazilian Northeast. In order to base this article on social science and cultural critic theorists, we will also use some authors involved with the theme and dynamics that encompasses the proposed theme. They are: Nhenety and the Pajé Suíra (NGO Thydêwá 2012-2019), FERRARI (1957), CLASTRES (1974), FOUCAULT (1970), RONDINELLI (1997), SANTIAGO (2000) REESINK (2000), VIVEIROS de Castro ), GRÜNWARD (2005a and 2005b), LUCIANO (Gersem BANIWA 2006), MIGNOLO (2010), GINZBURG (1989), DERRIDA (2001),

MOREIRA (2016), among others, focusing on perceiving in the Torture Ritual the ancestral essence.

**KEYWORDS:** Toré. Kariri-Xocó. Tradition. Resilience.

## INTRODUÇÃO

“A cultura é uma forma de subjetividade universal em laboração dentro de cada um de nós, tal como o Estado é a presença do universal no domínio individual da sociedade civil.” (EAGLETON, 2005)

A partir das vivências com membros da Aldeia Kariri-Xocó, nas atividades desenvolvidas no projeto Portal Tupinambá, Litoral Norte, Entre Rios-BA, surgiu um contexto favorável rumo à pesquisa da linguagem oral desse povo, entoada nos cantos. O Toré é uma performance com danças e cantos e que não serão executados de forma isolada; constitui o ritual de cantos e danças sagradas. Inclui práticas religiosas, indígenas, também secretas, às quais só indígenas têm acesso. Quanto à dança, propriamente dita, ela assume características diferentes em cada comunidade. Atualmente entre os Kariri-Xocó, é dançado quase em todos os eventos da tribo, podendo ser realizado com roupas normais e com indumentárias indígenas; reunindo homens, mulheres e crianças. Eles dançam em círculo. Pode ser encarado como um “rito de passagem” da situação pejorativa de ‘caboclos’ para a situação juridicamente aceita de índios (Sobre esse assunto é sugerido ler mais em ARRUTI, J. M. Morte e Vida no Nordeste Indígena. In: Estudos Históricos, vol. 08, Nº 15, Rio de Janeiro, 1995). Viveiros de Castro parecia muito seguro em uma de suas falas, vista em uma revista da ONG Socioambiental (2006), quando relata em síntese “[...] é impossível de um ponto de vista antropológico (ou qualquer outro) determinar condições necessárias para alguém (uma pessoa ou uma coletividade) “ser índio”. [...] A afirmação “só é índio quem nasce, cresce e vive um ambiente cultural original”. [...] “Não existe instrumento científico capaz de detectar quando uma cultura deixa de ser “original”, nem quando o povo deixa de ser indígena.

Assim, as centenas de cantos executados no Ritual de Toré, ganhou, a partir dos anos 80, a expressão máxima de identidade étnica que distinguia o povo Kariri-Xocó dos demais povos originários da terra brasileira, mantendo sua língua original, dentre as cerca de 180 línguas indígenas, as quais diferenciam entre si e mesmo aquelas do tronco linguístico com origem no Tupi, com as quais se relacionam, no nordeste e pelo Brasil. Como afirma LUCIANO (Gersem Baniwa. 2006, p. 32):

“Com a emergência do movimento indígena no início da década de 1980, essa realidade sociocultural mudou completamente. O valor sociocultural passou a ter outra referência. Começaram a ser valorizados os povos que falavam suas línguas originárias e praticavam suas tradições.”

Com esta afirmação de Gersem Baniwa, pode ser compreendida a expressão máxima de orgulho nas apresentações artístico-culturais, quando os representantes

da tribo entoam, quase como num grito de guerra, após seu nome indígena, “sou Kariri-Xocó!”. A memória viva que não se perdeu no tempo; Resistência secular dos kariris.

Desde a chegada dos portugueses no litoral brasileiro, sob a intervenção dos missionários jesuítas, havia o contato e certa tolerância com aqueles indígenas que habitavam esta área territorial. Já os que adentraram à mata, estavam em constante conflito com os litorâneos e por relutarem a uma aproximação, pelo menos de aceitação lógica aos dominadores, eram tratados “genericamente por “Tapuias” (FERRARI, 1957, p. 38). Os que falavam outros idiomas que não do tronco linguístico Tupi (língua já no domínio dos missionários), mas do grupo que hoje é classificado como Macro-jê. Assim, com a implantação de uma chamada Língua Geral, de domínio dos jesuítas e aplicada nos aldeamentos, este era tido como um dialeto, derivado do tupi, contendo também hibridismos com a língua portuguesa. Consta-se na fala do Guardiã das tradições, Nhenety Kariri-Xocó (apud RODRIGUES, 1986, p.49) este acontecimento e consciência do fato histórico:

“No Brasil na época do descobrimento existia 1.200 línguas indígenas. Atualmente, no Brasil, sobreviveram 180 línguas indígenas. Kariri é a família linguística que era falada no interior do Nordeste no século XVII; ela é formada por 4 dialetos: Dzubukuá, Kipeá, Kamurú e Sabuyá. A língua Kariri pertence ao tronco linguístico Macro-jê”.

Há muitas suposições acerca da língua do povo kariri-xocó e portanto, ainda em aberto nas investigações feitas por etnólogos, sendo aceito na Aldeia de Porto Real de Colégio-AL, no Baixo Vale do São Francisco, considerado um dialeto do tronco dessa língua geral, provindo do tupi, mas hoje classificado como do grupo Macro-jê.

“Pela primeira vez emergem, na história, os Kariri quando são tratados por Fernão Cardim na sua obra *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, embora os outros cronistas quinhentistas, chamam de “Tapuias” às tribos que não falam a “língua geral” ou “língua mais falada da costa”. Destarte, talvez os Kariris já fossem conhecidos, porém, não identificados [...]”. (FERRARI apud CARDIM, 1957, p. 17)

Ficou desta forma constatada a presença dos Kariri ao longo da história da colonização portuguesa no Brasil e, portanto, se tratando de um povo pré-colombiano.

A resistência racional aplicada pelos indígenas Kariris foi uma provável estratégia de sobrevivência e supõem-se que foi a possibilidade de continuarem preservando a coletividade, aceitando a aculturação, mas sem perder os seus princípios étnicos, através da prática ancestral do Ritual Sagrado do Ouricuri e da prática do Toré, evidenciando desta maneira a revitalização dos saberes dos mais velhos passados na oralidade e vivenciados nos cantos. O corte no tempo, nas atividades e no ritmo da aldeia para o Ritual, no Espaço Sagrado do Ouricuri, na aldeia da mata, serve para nutrir o espírito da aldeia e discipliná-la (isto nos é dito pelo líder da tribo, Nhenety). É este o “entre-lugar”, de segredo e proteção dos valores ancestrais que nos leva à interpretação de um texto relido num contexto; Silvano Santiago nos traz uma referência maior de releitura, afirmando na defesa de um bem cultural e numa visão

de dever de resistência e união para nortear a vida coletiva que nela existe:

E quando a inserção se inscreve num *espaço* que dramatizava o choque entre duas culturas (a europeia e a indígena, por exemplo), descobre-se um processo de transgressão aos valores de uma das culturas, a cultura dominante, no caso...” (SANTIAGO, 2000, p. 209).

Portanto, para conhecer um povo que tem herança ancestral, o qual se constituía uma das entre tantas outras nações, dentro do território brasileiro, após tantas lutas travadas com a chegada dos europeus, no século XVI, é imprescindível que se esteja munido de interesse, persistência e rigor na audição dos relatos e fazendo bom uso metodológico dos recursos etnográficos, a fim de se perceber o valor da oralidade como ferramenta importante na difusão dos saberes e da cultura do povo que é propagada de boca à ouvido.

“No passado, o homem branco fez muitas perguntas [...] E o índio respondeu: - O sol nasce e se põe em nossas terras; a linha do horizonte é o nosso limite, onde o céu se encontra com a terra, de forma circular, porque o nosso mundo é redondo”. (NHENETY-Kariri-Xocó, 2012, p. 14)

Este pensamento expresso pelo escritor e Guardiã das Tradições da tribo, Nhenety, altamente comprometido com esse dever que o faz lançar-se à pesquisas e vivências que só revitalizam o espírito de coletividade e compromisso com os princípios de suas tradições orais. Sejam eles índios ou não índios, seguem os princípios de respeito e obediência ao Pajé Suíra (sexta geração de pajé), mantendo-o na posição de liderança e referência para o povo da aldeia; segundo a vontade do Grande Espírito, Warakidzã.

## 1 | DOS RITUAIS AOS “EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS”

“[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam[...]; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso”. (FOUCAULT, 1970)

Após a decisão tomada por D. João III de apoiar o expansionismo pelas terras além-mar e investir na aquisição político-econômica do território de domínio da chamada América Portuguesa, no período colonial, os missionários jesuítas obtiveram seu apoio financeiro para se empenharem na evangelização ou catequese dos povos indígenas. Nesse contexto, se encontravam o Povo Kariri em um dos aldeamentos de Porto Real do Colégio. Como o nome já suscita, havia a presença da realeza, ainda que somente no nome, nos arredores das Alagoas, por volta de 1549. Como elucida Gambini em sua análise: “Os jesuítas encontraram o papel em branco no qual tanto desejavam escrever sua verdade. Esse papel era a alma indígena” (1988, p. 90). Desta forma, o objeto comparado à matéria prima, de “argila mole, nas mãos dos oleiros”, tiveram, ainda que sem contar com grandes resultados, os que transformaram os moldes e decidiram a inclusão pelas matas adentro e continuarem a viver a vida

selvagem. Conforme já citado, os “*Exercícios Espirituais*” (Ibidem p. 128, 129): “Durante seus exercícios espirituais, um jesuíta deveria sentir-se como trespassado pela animalidade dos sete pecados capitais) foram utilizados como uma estratégia metodológica de apreensão do pensamento, se não a grosso modo ao adestramento” - dos mais jovens e principalmente os meninos que eram o objeto central de interesse para o recrutamento na Companhia de Jesus.

A disciplina aplainava o campo de todas as possibilidades de descontentamento ou confronto, a fim de manter a ordem e o controle dos ânimos nas aldeias que se encontravam sob o domínio dos jesuítas. Nesse esforço de aproximar os nativos à cultura, através da educação do colonizador. No preparo de seus membros, a Companhia de Jesus, já no século XVI, segundo Gambini, reporta que: “os participantes são todos previamente preparados, vacinados, instruídos em etnologia e línguas nativas, no manuseio de equipamentos e uso de mapas, etc.” (p. 96). Segundo SANTIAGO (2000, p. 13): “Os índios só queriam aceitar como moeda de comunicação a *representação* dos acontecimentos narrados oralmente (...)”. A forma de adentrar na cultura e no culto dos indígenas, mexia diretamente nos costumes de seus rituais e modo de vida, os quais eram submetidos a de uma espécie de lavagem cerebral, seguindo os hábitos dos missionários. Além disto, toda a simbologia dos objetos trazidos para o Ritual Católico, carregados de suas peculiaridades provocavam uma atenção maior dos indígenas que também já tinham os rituais inseridos nas práticas da sua tradição sagrada. A obstinação em apreender a atenção dos indígenas à conversão era muito grande e assim era possível tudo, sem nenhum escrúpulo ou sentimento de culpa ou de injustiça pelo colonizador.

## **2 | REPERCUTINDO ALGUNS CANTOS DE TORÉ, NA VISÃO DE NHENETY - KARIRI-XOCÓ**

Neste trecho que avança o compasso da marca do Toré, é preciso deixar que o canto seja ecoado pela própria voz indígena pois somente ele tem a consciência de saber o que ele quer dizer e assim fazer ecoar a voz ancestral ritmada com a maracá. O Toré, atualmente, pode ser encarado como um “rito de passagem” da situação pejorativa de ‘caboclos’ para a situação juridicamente aceita de ‘índios’.

Das mil etnias com suas mil línguas faladas no Brasil, houve não somente o genocídio, mas também o glotocídio, no período colonial. A maior marca de violência simbólica que autoritariamente constituiu a Língua Geral, a oficial. O Tupi, suprimiu as demais línguas, reduzindo seus falantes com codinome de Tapuias (o que hoje configuraria um verdadeiro preconceito por serem aqueles tidos como incompetentes e incapazes de serem compreendidos e de aprenderem. Em 1758, o Marquês de Pombal decretou a Língua Portuguesa como a língua oficial do Brasil, mantendo esta a soberania, até dias atuais.

“Os cantos indígenas demonstram várias fases da presença nativa ao longo da história, seja anterior à colonização ou a partir da evangelização feita pelos jesuítas [...] O Porancy, os Toantes e o Toré também expressam os fenômenos naturais, como a chegada das chuvas, as colheitas, até o agradecimento aos Deuses pela fartura. São registros históricos socioculturais dos indígenas na vida da Mãe Terra, perpetuados musicalmente”. (Nhenety Kariri-Xocó, Out 2012)

Foram selecionados cantos de Toré que nos indicam outros rumos de interpretação, aos olhos de um indígena treinado a atingir as ideias qual flechas certas, clareando o sentido do pensamento daqueles que não pertencem ao seu universo e ideologia; ele nos faz sair do texto e compreender o algoz e suas atrocidades ao longo do tempo; é também um convite a reconhecer um “ser sem fronteiras”, disposto a garimpar outros solos e a irromper barreiras do entendimento, escavando tudo o que não esteja na superfície do seu entendimento. No entendimento contemporâneo, onde o mundo objetivo não pode entender os aspectos peculiares a estes fenômenos pertinentes aos povos tradicionais que vivem de uma subjetividade inerente ao homem nativo e que permite a decifração de sonhos, entendimento de mitos quanto explicação do mundo invisível; o mito explica o inexplicável; segundo Bosi (1992, p. 180): “O mito é uma instância mediadora... resiste e integra-se, sem mais, nesta ou naquela ideologia”. Assim é o índio alimentado pela espiritualidade, cosmologia e cosmogonia. Frente a isto, cabe sempre ao pesquisador e crítico cultural recorrer à etnografia, ao indiciário proposto por Ginzburg (1989) e de procurar trazer para a superfície, todos os sinais que façam parte do contexto e objetivo a ser atingido com a investigação. Ele afirma que “este tipo de rigor é não só inatingível, mas também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana.” (p. 178).

Estes cantos trazem a essência dos povos originários. Como afirma José Rodrigues Tenório (apud NHENETY 2015), “O Toré é baseado na alma dos indígenas, de forma que cantam o sentimento de sua história, através da batida dos seus pés no chão, do movimento da dança, do som da maracá (É um instrumento feito da cabaça coité, pintado e decorado, utilizado na iniciação no Ritual do Toré que simboliza o coração pulsante, como sempre é dito por todos os que começam a tocar, nas apresentações culturais) e da entonação das vozes da comunidade no momento de felicidade ou tristeza”. Os elementos que incorporam o texto, como se pode observar, abaixo, pertencem a elementos ligados a fauna e a flora. Neles incluem sons de pássaros, grunhidos de animais das matas, fenômenos e momentos históricos que reúnem fatos históricos do passado e do presente, buscando o conselho e respostas para atitudes no futuro ou que decidam situações da coletividade.

## 2.1 Textos dos cantos de toré (Selecionados e interpretados por Nhenety)

TEXTOS	INTERPRETAÇÃO
<p><b>A- EIA! EIAÁ Eiaê! Eiaá!</b></p> <p><b>O COCAR É MINHA CASA</b></p> <p>O cocar é minha casa A maracá meu coração A xanduca um instrumento Um instrumento de união Ou lei lá rá A reia ráá</p>	<p>Quando o índio viaja fora da aldeia, o cocar é o seu abrigo, o maracá, bate com o seu coração. Ele acende o cachimbo (Xanduca/pawí é o cachimbo que é o instrumento de comunicação e meditação do índio com o Grande Espírito “Warakidzã” para os Kariri-Xocó) que atrai índios de sua tribo e de outras tribos para uma união”.</p>
<p><b>B- FITA VERDE</b></p> <p>Minha gente venham ver Os caboco como canta! Com um laço de fita verde, Amarrado na garganta. Ou lei lá rá A reia rá</p>	<p>“O índio, o caboco do Nordeste, não fala mais a língua materna, mas ainda temos o canto. Através do Toré, nossos antigos se comunicavam. Nós fomos obrigados a falar português e aceitar a língua do colonizador, representada na letra do Toré “o laço de fita verde” amarrado na garganta”.</p>
<p><b>C- TORÉ NO PÉ CRUZEIRO JUREMA</b></p> <p>Lá no pé do Cruzeiro Jurema Eu danço com o meu maracá na mão Pedindo a Jesus Cristo] Com Cristo no meu coração Hááá Eeia rá reia A reia reia rá</p>	<p>“Quando os jesuítas chegaram na tribo, colocaram um cruzeiro de Jurema (árvore sagrada para o indígena e da raiz se extrai a bebida sagrada) e catequizaram os índios na cultura cristã, mas o índio já cantava a sua Tradição com o seu maracá e Jesus Cristo ficou em seu coração”.</p>
<p><b>D- NINHO NU WONHÉ (ÍNDIO QUER CANTAR)</b></p> <p>Índio quer cantar O baiano quer dança -Bis Me respondeu a Cauã O passarinho tá chamando –Bis</p>	<p>“O índio gosta de cantar Toré. Na luta, encontrou o negro da Bahia que dançava muito o jogo de pernas. Naquele momento, o pássaro Cauã cantou e eles entenderam que o pássaro mandou o negro e o índio unirem-se na luta”.</p>

Sendo assim, vale ressaltar com propriedade a citação que Costa (2016, p. 06) nos traz: “O papel dos narradores tradicionais é o de interpretação e recriação da memória ancestral que herdaram e, a seu modo, preservam.” O empenho desses narradores é que viabiliza uma manutenção dos saberes, da língua ancestral na oralidade e revitaliza a cultura com seu modo de vida e toda a produção coletiva.

### 3 | NA PRÁTICA DO TORÉ, UM SENTIDO MAIOR DE COLETIVIDADE

A interferência do europeu na história do nativo, na organização tribal das lideranças, caciques e pajés, foi danosa. Estes, eram vistos como feiticeiros e o próprio demônio, destituindo-lhes o respeito do seu povo, na liderança do pajé, acusando-os de serem mentirosos e sem nenhuma integridade para representar o seu povo no plano religioso, espiritual, político e social. Para Clastres (1978, p.111), era reconhecível que os Xamãs nas tribos fossem nitidamente influenciáveis e especialmente para os missionários “os Karai” (Caraíbas) eram tidos como os que mais possuíam o poder demoníaco, porém os reconheciam como um obstáculo no trabalho de evangelização (eles eram tidos como verdadeiros profetas!).

O que nasce do maior símbolo de unidade na tribo, o Toré, já possui uma estrutura molecular: a formação espontânea e sabiamente estruturada tem sua simbologia, mantendo as crianças ao centro, como o núcleo desta célula, os homens protegendo este núcleo e as mulheres, mantenedoras das providências e articuladoras a atender a ambos: homens e crianças, formam a camada protetora a todo movimento circular e que também é cíclico. Assim, cada membro procura e sabe o seu lugar e função e todos percebem sua importância para a execução de cada ritual que é único. Como nos lembra Foucault (1970), “São os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência”. Uma aproximação maior permite-nos o acesso a questões intrínsecas desse universo. Por fim, é visível a potencialidade do povo indígena, ainda que pareça adormecida, parece sempre pré-disposta a resistir e vicejar numa maior visibilidade pela voz subalternizada que reage sempre com veemência à provocação e como muito próximo de um grito de guerra, reagindo com pro-atividade e determinação com os cantos de Toré, entoados e respondidos com harmonia, consciência e persistência. Conforme declarado no livro “Cantando as Culturas Indígenas”, publicado por NHENETY em seu blog, em 30 dez. 2012:

“A forma de dançar o canto acompanha os movimentos dos fenômenos, a estrutura arredondada da Terra, Sol e Lua. Com as mãos dadas no Toré temos a união grupal pela tradição, pisando no solo sagrado, no esforço coletivo de afirmação étnica Kariri Xocó. A vida é um círculo naquele momento marcado pelas pessoas presentes e a tradição educativa será continuada no futuro por outros índios da tribo. (visualizado em Nov.2018)

No espaço onde existe o Ritual do Toré, com índios e não índios, é este o espaço da “Maloca” que para o indígena torna-se o seu território sagrado e o seu santuário, o espaço dentro da mística, indicador de uma presença indígena, de união tribal e da força universal sobre o individual, na construção da sociedade tribal. Os povos de tradição oral, aproveitam no canto o seu momento de desabafar e tirar todos os nós da garganta (vide canto ‘b’ do tópico 2.1), expressando assim o pensamento dos seus ancestrais para os que vivem o presente e deixando suas sementes a serem fertilizadas nas mentes das futuras gerações – desde o ventre da mãe os índios se

embalam no ritmo do Toré e nos saberes do seu povo.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, concluímos o pensamento profético mencionado por Bronislaw Malinowsky, “um dos formadores do pensamento antropológico polonês que alertava, já em,1920, que justamente quando a antropologia começava a delinear métodos e objetivos científicos, seu objeto, povos e sociedades “primitivos”, pareciam desaparecer ante os seus olhos.”. Analisando bem as trilhas percorrida pela historicidade, verifica-se que o destino profetizado com a visão lúcida desse antropólogo, nos faz perceber a permeabilidade dos campos que desejamos pisar, ainda que minados e afastados da essência do *Anthropos*, o indígena, o qual na sua existência, ainda continua ensinando pela atitude silenciosa de tolerar a civilidade do europeu, abrindo uma brecha para se fazer possível invadir um lento processo de assimilação do Outro com alteridade e muita responsabilidade.

Dentro da História de glotocídio da língua original indígena pela Língua Portuguesa, se faz emergente que seja tomada a Língua escrita a partir da “Língua oral como um dispositivo” (O termo “dispositivo” aqui é concebido de forma entendida em relação ao uso foucaultiano, isto é, para além das prisões”) a favor desse povo indígena; a apropriação de, pelo menos, uma parte do que lhes foi suprimido e sucumbido, juntamente com a posse de suas terras e todo histórico de genocídio. Por isto, é imprescindível reconhecer que a língua é uma potência para a articulação no engajamento do povo indígena que luta pela sua autoafirmação e identidade ao longo dos séculos e que são pré-colombianos. Firmar seu reconhecimento autóctone, é fortalecer seu vínculo com sua ancestralidade e fazer do bilinguismo um patrimônio cultural e o seu veículo de comunicação para o engajamento coletivo, preservando a língua indígena como um patrimônio do Povo Kariri-Xocó. O contato com um povo diferente, com atitudes do devir de integração e alteridade, fez surgir o interesse em chegar mais perto desses corpos ornamentados, com adereços e pintura tribal e muito mistério. As linhas pintadas na pele, podem nos dizer mais; parecem leituras sobre arte rupestre que tiram o distanciamento e toda “*diferencia*” (O termo foi elaborado em vários outros trabalhos, notadamente no seu ensaio “*Différance*” e em várias outras entrevistas reunidas em *Positions* por Jacques Derrida). É preciso atuar com o pensamento de descolonização, dando a oportunidade de reverter a posição de subalternizado, criando a atitude “decolonial”, principalmente na formação dos novos membros da tribo que sempre praticaram com bom senso, buscando e levando as trocas dos saberes e tradições culturais. Recapitulando a história, temos a voz de Mignolo: “A retórica da modernidade (da missão cristã desde o século XVI, à missão secular de Civilização, para desenvolvimento e modernização após a 2ª Guerra Mundial) [...]para a escravidão disfarçada até o século vinte e um) e a disponibilidade de vidas humanas [...]”. (2008, p. 293).

Nessa “relação do mundo de lá com o mundo de cá”, também citado pelo Professor Dr. João Rosa, da Universidade do Beira, Portugal, no IV congresso de Culturas, realizado na UFRB, em novembro de 2018, em Cachoeira de São Félix-BA (Brasil), ele mesmo vê que a “nossa História está sentada na pedra da Tradição” e nessa visão, o contexto de territorialidade é múltiplo; é possível para o indígena vivenciar a multiterritorialidade sem perder a sua etnia autóctone e circular deliberadamente elevando a sua cultura aos olhos do mundo fora da aldeia e mantendo o seu símbolo emblemático e orgulho coletivo representado pelo Toré e toda a Tradição Cultural de índio do Nordeste que de dentro do seu território continuará cantando e invocando o seu estado de pertencimento à terra e firmar com o bater dos pés que ela à todos pertencem e estará sempre suprimindo os anseios de todos que a têm como uma mãe, a promotora da vida plena.

Prossigamos nessa leitura e quem sabe, nas viagens dos signos e símbolos propagados nos cantos do Toré, acharemos indícios “infinitesimais” que nos abrirão um leque de outros significados. Que o dever político contido nas expressões e na performance que existem no Toré, possam garantir a perpetuação dessa essência ancestral. É nesse viés que os sinais estão sempre presentes e lampejando rumo à outros caminhos, ao devir indígena, o qual fora das apresentações artístico-culturais, tem uma história de ancestralidade que necessita ser ressignificada no dia-a-dia e assim, propagada de geração à geração.

## REFERÊNCIA

ARRUTI, J. M. **Morte e Vida no Nordeste Indígena**: In Estudos Históricos, vol. 08, Nº 15, Rio de Janeiro, 1995.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1978.

COSTA, Edil Silva. **Narrativas orais na contemporaneidade**: conexões e fissuras. Sentidos da Cultura. Belém-PA, Ano 2, n. 2, p. 05-21, jan. / jun.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Semiologia e gramatologia (Entrevista a Julia Kristeva). In: Posições. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Loyola: São Paulo. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24. ed. – São Paulo, 2014. – (Leituras Filosóficas).

GAMBINI, Roberto. **O Espelho Índio**: Os jesuítas e a destruição da alma indígena. Espaço e Tempo: Rio de Janeiro, 1988.

GINZBURG, C. **Sinais – raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, C. Mitos, Emblemas, sinais. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. Coleção educação para todos. Série vias dos saberes, n.1.

MOREIRA, Osmar. **A luta desarmada dos subalternos**. UFMG: Belo Horizonte, 2016.

SANTIAGO, Silvano. “**O entre-lugar do discurso latino americano**”. In: *Uma Literatura nos Trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=Gr%C3%BCnwald+Tor%C3%A9+2005&oq=Gr%C3%BCnwald+Tor%C3%A9+2005&aqs=chrome..69i57.50061j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: dez. 2018.

RONDON (1947) Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872018000100110&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000100110&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: dez. 2018.

GRÜNEWALD, R.de A. (2005a), “**As Múltiplas Incertezas do Toré**”. In: R. de A. Grunewald (org.). **Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste**. Recife: Massangana. [Links]. Site visitado em ago. 2018.

GRÜNEWALD, R.de A. (2005b), “**Sujeitos da Jurema e o Resgate da “Ciência do Índio**”. In: B. Labate, & S. Goulart (orgs.) *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. Campinas: Mercado de Letras. [Links]. Site visitado em ago. 2018. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872018000100110&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000100110&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: dez. 2018. [search?q=Gr%C3%BCnwald+Tor%C3%A9+2005&oq=Gr%C3%BCnwald+Tor%C3%A9+2005&aqs=chrome..69i57.50061j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=Gr%C3%BCnwald+Tor%C3%A9+2005&oq=Gr%C3%BCnwald+Tor%C3%A9+2005&aqs=chrome..69i57.50061j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em: dez. 2018.

RONDON (1947) Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872018000100110&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872018000100110&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: dez. 2018.

GRÜNEWALD, R.de A. (2005a), “**As Múltiplas Incertezas do Toré**”. In: R. de A. Grunewald (org.). **Toré: Regime Encantado do Índio do Nordeste**. Recife: Massangana. [Links]. Site visitado em ago. 2018.

GRÜNEWALD, R.de A. (2005b), “**Sujeitos da Jurema e o Resgate da “Ciência do Índio**”. In: B. Labate, & S. Goulart (orgs.) *O Uso Ritual das Plantas de Poder*. Campinas: Mercado de Letras. [Links]. Site visitado em ago. 2018.

GRÜNEWALD, R.de A. (2008), “**Jurema e Novas Religiosidades Metropolitanas**”. In: Luiz S. de Almeida & A. H. L. da Silva (orgs.). *Índios do Nordeste X: etnia, política e história*. Maceió: EDUFAL. [Links] Site visitado em ago. 2018.

ONG THYDÊWÁ. **MEMÓRIA**, 2012. Disponível em: <[www.thydewa.org/memória](http://www.thydewa.org/memória)>. Acesso em: 28 dez. 2018.

Rodrigues (1986, p. 49), Lowie (1946) e Nimuendaju (1981). <https://es.iyil2019.org>, [super.abril.com.br, kxnhenety.blogspot.com](http://super.abril.com.br/kxnhenety.blogspot.com)

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA** Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

### C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

### D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

### E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

### H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

### I

Identidade 25, 127, 130

### L

Liberdade 98, 185

### M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

### P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

## **R**

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

## **S**

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242